

## ESCOLAS INTERCULTURAIS DE FRONTEIRA: UM ESPAÇO INTERCULTURAL E MISTIÇO

### Interculturals Schools of Frontier: a Intercultural and Mestizo Space

Crisliane Patricia SILVA\*

Gicelma da Fonseca Chacarosqui TORCHI\*\*

**Resumo:** Nosso artigo traz alguns apontamentos para a compreensão dos estudos sobre mestiçagem e interculturalidade dentro do Programa de Escolas Interculturais de Fronteira. As escolas localizadas no espaço da fronteira recebem alunos oriundos de outros países, cada qual trazendo como herança sua língua e sua cultura, transformando o espaço escolar em um grande caldeirão cultural. É nesta semiosfera singular que o ensino intercultural acontece, promovendo o respeito e valorização das culturas.

**Palavras-chave:** Escola de fronteira; Interculturalidade; Mestiçagem.

**Abstract:** Our paper brings some notes for understanding of the studies about miscegenation and interculturalism in the Program for Intercultural Schools of Frontier. Schools located in the border area receive students from other countries, each bringing as heritage their language and their culture, transforming the school area in a large cultural cauldron. It is in this unique semiosphere that intercultural education happens, promoting respect and appreciation of the cultures.

**Key-words:** Frontier School; Interculturalism; Miscegenation

### Introdução

A realidade educacional da fronteira tem sido um dos assuntos primordiais entre os países que fazem parte do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). Muitos diálogos, e acordos bilaterais aconteceram com o intuito de discutir sobre a educação e o ensino de português e espanhol que resultaram em avanços importantes para implantação de um programa intercultural para as escolas de fronteira. Muitas conversas e acordos ainda vêm acontecendo com o intuito de avançar e melhorar o Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), que visa oferecer uma educação de qualidade pautada na humanização, valorização e socialização.

\* Mestranda em Linguística e Transculturalidade pela Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - FACALES. Pós-Graduação Mestrado em Letras. E-mail: patymassambani@gmail.com

\*\* Orientadora e professora Dr<sup>a</sup> titular da Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - FACALES. Pós-Graduação Mestrado em Letras. E-mail: gicelmatorchi@ufgd.edu.br

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os processos de mestiçagem que ocorrem na fronteira. Este trabalho é um recorte da dissertação “Um estudo semiótico sobre o processo de mestiçagem no Programa de Escolas Interculturais de Fronteira no estado de Mato Grosso do Sul: o caso da fronteira sul”, defendida no ano de 2015, que buscou a investigação semiodiscursiva visando desvendar os processos mestiços que perfazem o Programa de Escolas Interculturais de Fronteira no Estado de Mato Grosso do Sul, especificamente os municípios que participam dessa fronteira, sob a coordenação do PEIF/MEC/SEB/UFGD.

A fronteira é um universo singular caracterizada pelos conflitos, negociações e preconceito, mas também pelas misturas de culturas e línguas, que se manifestam através desse contato. É o lugar de trânsito e todos os dias moradores da fronteira e visitantes (cada um com sua carga cultural e linguística) cruzam a fronteira deixando a marca da sua cultura. Por essa razão, ela está em constante transformação, e por não ser estática, está sempre produzindo alterações culturais e de linguagens. Nesse sentido podemos dizer que a fronteira produz uma cultura única, singular e mestiça: a cultura fronteiriça.

Por mestiçagem entendemos a mistura de culturas, não apenas de povos que circulam na Fronteira. Não trabalhamos com o conceito de Povos-Novos, no entanto deixaremos registrado

que em *As Américas e a Civilização* (1970), o antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997) definira *Povos-Novos* como povos que se constituíram “pela confluência de contingentes profundamente díspares em suas características culturais e linguísticas, como um subproduto de projetos coloniais europeus” (RIBEIRO, 1983, p. 92).

Desta forma, para o autor, a feição básica destes povos é mestiça, tanto em seus aspectos raciais quanto culturais. Ribeiro advoga ainda que, no encontro de povos surgiram:

línguas francas como instrumentos indispensáveis de comunicação e se edificaram em culturas sincréticas feitas de pedaços tomados dos diferentes patrimônios que melhor se ajustavam a suas condições de vida (RIBEIRO, 1983, p. 92).

Estes *Povos-Novos*, no entanto, não são nacionalidades multiétnicas, “visto que, em todos os casos, houve um processo de formação violenta o suficiente para compelir a fusão das matrizes originais em novas unidades homogêneas” (RIBEIRO, 1983, p. 93).

Na violência desse processo, a escravidão aparece como elemento decisivo, pois, operando de forma destrribalizadora, desgarrava as “novas criaturas” das tradições ancestrais para transformá-las no subproletariado da sociedade nascente:

Nesse sentido, os *Povos-Novos* são produto, tanto da de culturação redutora de seus patrimônios tribais indígenas africanos, quanto da aculturação seletiva desses patrimônios e da sua própria criatividade face ao novo meio (RIBEIRO, 1983, p. 94).

Nossa pesquisa amplia as apreciações de Darcy Ribeiro alocando considerações que por sua vez, na nossa visão, dão conta de ler a fronteira de forma híbrida, misturada, mestiça. Para Darcy Ribeiro o conceito de *Povos-Novos* está intimamente ligado ao conceito de identidade étnica e atualização histórica. Para nós, no caso da fronteira, nos interessa o conceito de mestiçagem, pois acreditamos ser esse o que mais descreve as identidades fronteiriças que por sua vez delimitam o pertencimento, apontando exigências de atuação para seus sonhos.

## Programa escolas interculturais de fronteira: um programa mestiço

Para falarmos do programa Escolas Interculturais de Fronteira, faz-se necessário entender o cenário mestiço da fronteira, que é tão vivo e dinâmico. A fronteira no entendimento Semiótica Russa é uma zona de contato que modeliza códigos culturais. “A fronteira define-se, então, como um mecanismo de semioticização capaz de traduzir as mensagens externas em linguagem interna, transformando a informação (não-texto) em texto” (MACHADO, 2003, p.160).

Em vez de linha demarcatória e divisória, fronteira designa aquele segmento de espaço onde os limites se confundem, adquirindo a função de filtro. Daí porque esse espaço de

limiaridade se define basicamente através do mecanismo de simetria especular: tudo o que está no exterior pode ser incorporado ao espaço semiótico graças à relação complementar (MACHADO, 2003, p. 164).

A fronteira é um espaço mestiço, caracterizada pelo cruzamento de línguas e culturas, que acaba por favorecer o aparecimento da contradição, do paradoxo, do desequilíbrio, do caos, gerando certo estranhamento no que diz respeito aos valores, modelos e referências que estão presentes naquele local.

Para Laplantine e Nouss (s/d) é a naturalização do que poderíamos chamar de uma tensão harmoniosa entre elementos únicos, singulares, presentes na fronteira que apontam para conflitos aparentemente insolúveis, é o que parece ser a característica peculiar de um lugar mestiço. Ainda para Laplantine e Nouss (s/d) a mestiçagem é "(...) uma invenção nascida da viagem do encontro" (s/d, p.18). Ou seja, os processos de mestiçagem não apenas fusões, mas dialógicos.

Gruzinski (2001) explica que a mestiçagem não é um caos temporário advindo das relações interculturais (como as que ocorrem na fronteira), mas sim uma condição permanente de tais relações: "As mestiçagens nunca são uma panaceia; elas expressam combates jamais ganhos e sempre recomeçados" (GRUZINSKI, 2001, p. 320).

Canclini prefere utilizar o termo hibridação ao invés de mestiçagem, para explicar as diversas mesclas culturais (como as que ocorrem na fronteira). Para ele são "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINI, 2003, p.19). Laplantine e Nouss (s/d) afirmam que a maior característica da mestiçagem é não possuir regras, ela simplesmente acontece de forma diferente, única, particular e traça seu próprio futuro. Mestiçagem é uma invenção, nascida da viagem e do encontro que transforma a submissão em diálogo e recriação. Para os autores:

A dúvida está intrinsecamente ligada à mestiçagem, simultaneamente como causa e efeito: ela age como profilaxia da suspeita que se levanta sobre qualquer totalidade homogênea, incluindo a personalidade individual (LAPLANTINE e NOUSS, s/d, p. 64).

As Escolas de fronteira assumem essa condição mestiça por sua organização móvel, em contínua metamorfose, esperando sempre outras misturas. É nesse lugar que a escola de fronteira está, onde a dúvida vive em estado de permanente instauração. As línguas em contato, as pessoas em contato, as culturas em contato, tudo em processo contínuo, ilimitado, de mescla de códigos diversos.

Este entrecruzamento de códigos como textos de cultura<sup>1</sup> que se recodificam, mesmo sem perder os traços que os distinguem, geram novos textos. Como texto de cultura as escolas de fronteira se edificam nos encontros de signos de várias esferas e tempos distintos, "em um espaço de fronteira", em "um espaço de semiose".

Portanto as mesclas de códigos fronteiriços funcionam na Escola de Fronteira como tatuagem, pois participam, ou não, do processo de criação, funcionando como escritura entre a escritura (SARDUY, 1979).

Como podemos perceber o PEIF não é um programa comum, já que trata de situações incomuns, que só acontecem onde a fronteira está. E por estar num “semiosfera” de constante transformação foi necessário pensar um programa que pudesse contemplar as necessidades dos alunos oriundos de lugares diferentes, países diferentes, com línguas diferentes e culturas também diferentes. O conceito de semiosfera é uma junção de semiótica e biosfera. Na biosfera, a matéria inerte é transformada em matéria viva, na semiosfera, as linguagens criam vida, ou seja, novos significados. Pois os processos linguísticos são vivos, e estão em constante mutação. Sendo assim, na linguística, os processos culturais podem também gerar novas linguagens, novos sinais, novas traduções e novas compreensões (LÓTMAN, 1996, p. 10-12).

Para explicar melhor o que é semiosfera, Lótman (1996), toma como exemplo a família. Para ele, a família é uma semiosfera e quando ela entra em contato com outra família, surge uma fronteira das semiosferas. Além é claro da probabilidade de alguém dentro da família, após este contato, começar a pensar ou compreender o mundo de forma diferente, respeitando a individualidade semiótica. “Em linhas gerais, uma família é uma semiosfera, pois tem homogeneidade semiótica” (LÓTMAN, 1996, p.12-13).

Observamos então, o nascimento de uma fronteira individual dentro da própria família. É o surgimento de uma semiosfera cheia de outras semiosferas que acabam por formar uma fronteira de semiosferas (NOGUEIRA, 2015, p. 12).

## O lugar da interculturalidade dentro do programa

A diversidade cultural presente na escola deve ser entendida e valorizada para que os alunos compreendam que é importante terem outras línguas no seu repertório comunicativo local. O trabalho baseado na interculturalidade é fundamental, pois dessa forma a criança e o jovem perceberão que eles estão num espaço que respeita o diferente e que promove os encontros culturais. Desta forma, pensar interculturalmente é ultrapassar a noção do multiculturalismo para entrar na esfera da diversidade cultural presente na escola da fronteira. Muito mais que afirmar a existência de múltiplas culturas que não se tocam no cotidiano escolar, é necessário pensar as possibilidades de entrelaçamentos complexos entre as diversas culturas, ou seja:

Para superar a noção da experiência multicultural - com cada cultura no ‘seu quadrado’ - pensamos num plano de interferências entre as culturas: transculturalismo. Experiên-

cia que ganha outros contornos, outras possibilidades na produção de conhecimento, na produção da realidade, na construção do mundo (PEIXOTO, 2009, p. 58).

Desta forma, pensar a experiência transcultural é nos abrir para as percepções, os sentidos, flexibilizando nossos valores e crenças. É poder se permitir ser tocado pelas diferentes formas de ver, sentir e pensar o mundo, portanto interculturalidade busca colocar em convivência, línguas e culturas que estão presentes em um mesmo espaço, visando à integração das mesmas e mostrando o que há de belo em cada uma delas sem desmerecer ou enaltecer uma ou outra. No trabalho intercultural todas têm a mesma importância e o mesmo valor. E mesmo que, ainda, surjam conflitos inevitáveis entre elas, deve-se buscar através do respeito e do diálogo resolver os problemas trazendo de volta a harmonia e a paz entre elas.

Nesta esfera, vemos que cada escola tem contornos singulares nas suas relações, uma vez que múltiplas formas de subjetividade, isto é, múltiplas formas de culturas, de maneiras de estar no mundo ali se deparam, mas, não encontram espaços de expressão para se falar delas, conhecê-las, senti-las. Uma escola democrática será aquela que abre espaços, como fóruns, para o exercício do encontro da diversidade. Abrir-se à diferença, deixar-se tocar pela diferença, sentir pontos de vista distintos dos teus, respeitando-os na sua singularidade, é um potente exercício democrático. (PEIXOTO, 2009, p. 59).

A interculturalidade envolve um conjunto de práticas sociais que busca estar com o outro, entendo sua forma de viver, de olhar o mundo, sua língua, seus costumes, sua história e seu país. É estar junto para produzirem sentido juntos (ESCOLAS DE FRONTEIRA, 2008, p. 18). A escola tem papel fundamental no trabalho intercultural, pois é nela que percebemos a diversidade e a bagagem cultural de cada um, bem como os sentimentos de superioridade e inferioridade, de aceitação e de exclusão.

Uma educação para as escolas de fronteira, nesse contexto, implica no conhecimento e na valorização das culturas envolvidas, tendo por base práticas de interculturalidade. Como efeito da interação e do diálogo entre os grupos envolvidos, têm-se, então, relações entre culturas, o reconhecimento das características próprias, o respeito mútuo e a valorização do diferente como diferente [e não como “melhor” ou “pior”] (ESCOLAS DE FRONTEIRA, 2008, p. 14).

Para que o trabalho intercultural alcance seu objetivo é necessário que as escolas de fronteira promovam a interculturalidade e isso ocorre através do uso da segunda língua, sejam através de atividades, brincadeiras, leituras, etc., momentos que propiciem esse contato para que aos poucos se torne natural e seja absorvido no seu cotidiano. Essas ações permitem uma relação pessoal direta entre crianças e jovens falantes de uma segunda língua, sejam elas brasileiras ou paraguaias<sup>2</sup>, de forma a criar vínculos de amizade, levando-as a perceber como é importante aprender a segunda língua. A escola acaba se tornando um espaço de descobrimento linguístico e cultural.

Diante das necessidades reais da fronteira e desse olhar diferenciado para a educação é que o Programa Escolas Interculturais de Fronteira nasce, buscando um ensino comum entre todas as escolas fronteiriças tendo como foco a valorização e o respeito das diferentes culturas visando sempre à paz.

O programa visa ao desenvolvimento de um modelo de ensino comum nas escolas de fronteira, garantindo assim, que alunos e professores tenham a oportunidade de se educar e se comunicar nas duas línguas a partir do desenvolvimento de um programa intercultural (ESCOLAS DE FRONTEIRA, 2008, p. 19).

A palavra fronteira nos remete a várias interpretações dependendo da sua situação de uso. A fronteira apresenta três funções distintas: a de separar, de unir e de misturar localidades, pessoas, línguas, culturas, crenças e vivências. É importante entendermos a função da “fronteira” bem como suas implicações tendo em vista que o objeto de estudo deste trabalho, o PEIF, está localizado na fronteira brasileira e se depara todos os dias com o trânsito de realidades diferentes. Compreender o que acontece na fronteira é muito importante, pois se trata de um lugar de produção constante de cultura. A fronteira age como um filtro, nada se perde ou fica aquém. É o lugar dos confrontos linguísticos e culturais, da incompreensão, da tentativa de demarcação, separação, mas também é o lugar do diálogo, da mistura, da troca, que propiciam novas linguagens e novos códigos culturais. Por essa razão a fronteira está em constante ebulição cultural.

Assim, entre tantos sentidos e significados, tomaremos como referência para esse estudo a semiótica da cultura, para entendermos como se dão esses processos de significação e o papel principal da fronteira na vida das pessoas que vivem nessas regiões.

## Considerações em processo

O espaço da fronteira, tão rico culturalmente, não responde a uma única intenção de significação do sistema escolar, ou da pedagogia dominante, mas abre-se a todas as interpretações possíveis e democráticas. Desse modo, o PEIF nasceu como um programa mestiço e mesclado, do ponto de vista linguístico. O programa, desde o seu surgimento, é intercultural e tem uma preocupação muito forte em oferecer uma educação diferenciada baseada na cooperação fronteiriça, em que a superação da ideia de fronteira vai além de uma barreira visível ou invisível, permitindo o acesso a oportunidades sociais, educacionais, culturais e econômicas rompendo os entraves de contato com a língua e com o outro.

A escola tem papel social e é responsável por preparar o aluno para se tornar um cidadão consciente de seu papel na sociedade. O preconceito, um sentimento já arraigado em nossa sociedade, pode transformar esse ato tão

natural da fronteira em um momento de frustração chegando ao ponto de se transformando em raiva ou até em hostilidade.

Como podemos ver, o PEIF está inserido num cenário complexo, em uma fronteira multiétnica, caracterizada por uma variedade de mestiçagens e por uma riqueza linguístico-cultural própria da fronteira. O PEIF se preocupa com esse mosaico cultural e busca em primeiro lugar a valorização de jovens e crianças que estudam nas escolas de fronteira oferecendo uma educação intercultural adequada a essa realidade. A língua faz parte da vivência desses alunos bem como os costumes, as crenças e as religiões. Elas são manifestadas dentro da escola e talvez seja por essa razão que a escola acaba sendo concebida como centro de produção, manifestação e de expressão cultural. Acaba se tornando um espaço de enunciação multilíngue. Desse modo é importante frisar que a escola é o espaço “onde mais se produzem e se vivem as culturas; onde cada aluno é um indivíduo cultural, que tem modos de ser e de se expressar oriundos de um processo histórico e de experiências do meio em que vive” (SILVA, 2010, p. 218). A escola tem como preocupação levar o educando a participar da sociedade em que vive de forma ativa e efetiva, consciente e responsável pela transformação da realidade em que está inserido.

## Referências

- BALLER, L. *Cultura, identidade e fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)*. 2008, 186 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2008.
- BHABHA, H. K. *O lugar da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- ESCOLAS DE FRONTEIRA. *Programa Escolas Bilíngues de Fronteira – PEBF*. Brasília; Buenos Aires: Ministério da Educação; Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología, 2008.
- GRUZINSKI, S. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LAPLANTINE E NOUSS, F. e A. *A mestiçagem*. Lisboa: Instituto Piaget, S.D/1997/2006.
- LÓTMAN, I. M. *La semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto*. España: Ediciones Catedra, Universitat de Valencia, 1996.
- MACHADO, I. *Escola de Semiótica: a Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- NOGUEIRA, P. A. S. Traduções do intraduzível: semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera. *Revista Estudos de Religião*, v.29, n.1. 102-123. jan-jun. 2015.
- PEIXOTO, P. T. C. Multiculturalismo, transculturalismo e heterogênesse urbana: composições da diversidade para a produção do transconhecimento. *Revista Visões*, n. 7, p. 2, jul. 2009/dez 2009. Disponível em: <<http://www.fsma.edu.br/visoes/principal.html>>. Acesso em 30 abr. 2015.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação histórica e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Petrópolis: Vozes, 1983.



SARDUY, S. O barroco e o neobarroco. In: MORENO, C. F. (org.) *América Latina em sua literatura*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SILVA, Z. R. Educação e intercultura para além da fronteira. *Revista Espaço Pedagógico - REP*, Passo Fundo, v. 17, n. 2, p. 211-222, jul. / dez. 2010.

(Endnotes)

<sup>1</sup> Conceito de texto: “Mecanismo elementar que conjuga sistemas e, com isso, confere unidade pela transformação da experiência em cultura, como conceito fundamental da moderna semiótica. Nesse sentido, a noção de texto se aplica não apenas a mensagens da linguagem natural, mas a todos os portadores de sentido: cerimônia, obras de arte, peça musical” (MACHADO, 2003, P 168).

<sup>2</sup> Citamos crianças e jovens brasileiras paraguaias, pois é a realidade da fronteira analisada neste trabalho.

